

“MÚSCULOS FORTES, CONCENTRAÇÃO E ELEGÂNCIA”: UMA ANÁLISE DO FOTJORNALISMO NO JORNAL O GLOBO ACERCA DO ATLETISMO FEMININO NOS JOGOS OLÍMPICOS DA DÉCADA DE 1980 E INÍCIO DA DÉCADA DE 1990¹

"STRONG MUSCLES, CONCENTRATION AND ELEGANCE”: AN ANALYSIS OF PHOTOJOURNALISM IN THE NEWSPAPER O GLOBO ABOUT WOMEN'S ATHLETICS AT THE OLYMPIC GAMES IN THE 1980S AND EARLY 1990

Aluna: Flávia Theis Junges

Orientador: Prof^o Dr^o João Manuel Casquinha Malaia Santos

Resumo: Neste trabalho, será abordada uma análise das fotografias do jornal O Globo acerca do atletismo feminino nos Jogos Olímpicos da década de 1980 e início da década de 1990. Objetivamos compreender o papel que as fotografias possuem na espetacularização do corpo feminino, ao ressaltar elementos como força e beleza. Para isso, utilizamos uma base teórica relacionada a gênero, mídia e esporte, aplicando também uma metodologia de análise voltada ao fotojornalismo. Ao analisar três edições de Jogos Olímpicos, é possível traçar e perceber as diferenças que as imagens e legendas apresentam, e perceber a existência de uma edição que explora mais em construir um ideal de atleta feminina ao público consumidor, a que apresenta “músculos fortes, concentração e elegância”.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Atletismo. Jogos Olímpicos. Corpo feminino. Esporte.

Abstract: In this work, an analysis of photographs from the newspaper O Globo about women's athletics at the Olympic Games in the 1980s and early 1990s will be addressed. We aim to understand the role that photographs play in the spectacularization of the female body, by highlighting elements such as strength and beauty. To do this, we use a theoretical basis related to gender, media and sport, also applying an analysis methodology focused on photojournalism. By analyzing three editions of the Olympic Games, it is possible to trace and perceive the differences that the images and captions present, and perceive the existence of an edition that explores more in constructing an ideal of a female athlete for the consumer public, the one that presents “strong muscles, concentration and elegance.”

Key words: Photojournalism. Athletics. Olympic Games. Feminine body. Sport.

¹ Após a aprovação, este artigo será submetido a publicação na Revista Aedos, revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para isso, teremos um alinhamento entre as exigências da revista e da universidade a qual respondemos. Uma das normas de publicação é a quantidade de páginas, que devem estar entre 15 e 25. Há elementos de layout a serem ajustados posteriormente, grande parte de formatação como: as margens, a apresentação do título, espaçamento entre parágrafos, e referências bibliográficas. Um ponto importante é o caráter original que a revista solicita, assim, nosso trabalho não foi apresentado ainda em nenhum evento/congresso.

INTRODUÇÃO

Seul, Coréia do sul. O ano era 1988 e os Jogos Olímpicos estavam a todo vapor. No atletismo feminino, a estrela era Florence Griffith-Joyner “voando” nos 100 metros com um sorriso no rosto, uma velocista nata. Para o público brasileiro, ela brilhava na pista com seu desempenho e sua beleza. Mas, e como sabemos disso? Havia outro lugar que a atleta obtinha muito destaque – as páginas do Jornal O Globo. No caderno esportivo, ganhou bastante destaque, com uma grande quantidade de fotografias, além de comentários sobre sua fisionomia.

O jornal O Globo foi fundado por Irineu Marinho em 29 de julho de 1925, sendo inicialmente um jornal vespertino e passando a matutino em 1962. Sua escolha se deu pelo fato de ser um jornal quase centenário e um dos jornais de maior tiragem no Brasil no recorte deste trabalho, chegando no início do século XXI a ter mais de 330 mil exemplares publicados por dia.² Ao final da década de 1980, devido ao declínio de seu maior competidor no mercado de leitores de jornal no Rio de Janeiro, o Jornal do Brasil, o jornal O Globo, se torna o mais importante no Rio de Janeiro (BARON, 2015).

Para compreendermos como imagens³ vinculadas em jornais são capazes de construir a imagem de atletas ao público leitor, assim, faz-se necessário, compreender como o fotojornalismo constrói essas noções.

Assim, propomos neste artigo, uma análise das imagens das atletas mulheres do Atletismo no jornal O Globo nos Jogos Olímpicos da década de 1980 e início da década de 1990. Partindo da análise de João Malaia Santos e Sérgio Giglio (2020) onde os autores identificam um vazio historiográfico brasileiro nos trabalhos relacionados ao passado dos Jogos Olímpicos, buscamos ampliar os estudos em nossa área sobre a temática. Dentro disso, o atletismo demonstra também uma ausência de trabalhos⁴. Os Jogos Olímpicos, como um megaevento esportivo, passam pela exploração da mídia à medida que “[...]se trata de uma

² CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. O Globo. In: _____. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>> Acesso em: 04 set. 2023.

³ Utilizamos o termo imagem como uma forma de se referir as fotografias, valendo-nos da compreensão de que “A **fotografia faz parte da comunidade das imagens**, mas também se distingue pela técnica de produção (mecânica), reprodutividade (produção de cópias) e ampla capacidade de circulação (imprensa, livro, outdoors etc.) e apropriação por diferentes grupos sociais” (MONTEIRO, 2016, p. 65, grifos nossos).

⁴ Realizamos uma pesquisa por trabalhos acerca do atletismo, buscamos no portal de dissertações e teses da capes com a palavra-chave “Atletismo” na grande área do conhecimento das ciências humanas com a concentração em História. Dos 17 trabalhos que aparecem como resultado, nenhum apresenta a temática pesquisada. Percebemos haver uma carência de trabalhos historiográficos nessa área.

linguagem universal espetacularizada por meio dos grandes eventos e dos interesses políticos e econômicos que atuam como pano de fundo em sua construção social" (PELLIM; DINIZ; IVANHA, 2018, p. 129).

É necessário estabelecermos bases de compreensão em nossas pesquisas, assim buscamos os estudos de gênero. Silvana Goellner (2013) postula que sendo o esporte um campo naturalmente masculino, a inclusão de ideias do feminismo nos estudos contribuiu a avanços na área da História do Esporte, "permitiram, por exemplo, identificar que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza e desempenho são construções históricas, as quais, em diferentes tempos e culturas, foram associadas aos homens e/ou às mulheres" (GOELLNER, 2013, p. 48). Assim, buscamos compreender como são construídas as visões sobre as atletas mulheres, principalmente o destaque a beleza.

Ao tratar das fontes, de extrema importância em um trabalho historiográfico, a autora Ana Maria Mauad (2005b) afirma que ao tratar com o fotojornalismo, um corpus documental deve ser montado e analisado em função de um tema. Sendo assim, neste trabalho utilizamos imagens são de um momento de transição da composição de um dos materiais de competição – os uniformes. Identificando esta mudança na década de 1980, buscamos em um jornal de grande circulação – o jornal O Globo, através do acervo próprio da mídia. Dentro deste acervo, buscamos observar as fotografias do atletismo feminino dentro das edições olímpicas de 1980, 1984, 1988 e 1992. O ano de 1984 é bastante peculiar por não apresentar nenhuma fotografia feminina do Atletismo na fonte. Assim, dentro do conjunto proposto, analisaremos aqui algumas imagens em função de observar como o corpo feminino é retratado.

Nesse sentido, para dar continuidade a proposta, é necessário termos uma compreensão acerca dos elementos que permeiam este artigo. Assim, será possível nas próximas seções observar os conceitos que mobilizamos e que são caros a compreensão do tema, como as relações possíveis entre esporte, mídia e gênero, onde se realiza a tessitura que dá suporte as nossas compreensões. Outro ponto a ser demonstrado é como desenvolvemos os passos, no qual é necessário que fique claro nosso caminho na pesquisa, como as escolhas dentro da fonte e do processo metodológico, para assim observarmos e analisarmos o corpo de fotografias que compõe nossa amostra de fotojornalismo aqui presente. Após esses processos é possível afirmarmos que chegamos a observações que demonstram as intencionalidades através do registro e uso das imagens, juntamente com as legendas que constroem um sentido ao leitor.

NA MIRA DA TEORIA E METODOLOGIA: BASES PARA OBSERVAR O FOTOJORNALISMO ESPORTIVO NO JORNAL O GLOBO

Para compreendermos as mulheres no fotojornalismo esportivo no jornal O Globo, há uma necessidade de observarmos elementos como esporte, mídia e gênero para desenvolvermos uma análise em nossas fotografias, assim, pretendemos demonstrar aqui os conceitos que nos levaram a vincular estes itens. Portanto, trataremos aqui algumas ideias de pesquisadores que norteiam as nossas análises e como transcorreu o processo de trabalho com a fonte.

O Sociólogo Pierre Bourdieu, em seu texto *Como é possível ser esportivo* (1983) caracteriza a História do Esporte como “relativamente autônoma” e que mesmo havendo vinculações com outros campos (como história econômica ou história política) possui uma cronologia própria, a exemplo disso estão as regulações próprias como as marcas oficiais – *records*. Assim, essa autonomia pode ser utilizada para desbravar novos olhares ao partir de um campo que não está fechado em si, mas que abre diversas possibilidades de se explorar diversos elementos. Nesse sentido, essa capacidade de fusão com outras bases interpretativas nos auxilia para compreender processos e eventos, e aqui neste trabalho, ajuda a estudarmos os Jogos Olímpicos. Assim, fundimos essa capacidade de autonomia de vinculação com os elementos de mídia e de gênero, sendo, pois, necessário explorar o que são estes.

Primeiramente, exploremos algumas relações que o esporte estabelece com a mídia. Assim é possível observar que:

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, **esporte-prática contra esporte-espetáculo**, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc. (BOURDIEU, 1983, p. 7, grifos nossos).

Como podemos ver através de Bourdieu, o campo esportivo não é algo dado, pois, ele passa por disputas que se refletem na sociedade, começando pela questão da legitimidade de quem é o ser atleta: o amador ou o profissional, que se reflete diretamente na disputa de esporte de elite *versus* esporte de massa – o popular. A disputa que é cara a nossa pesquisa aqui, segue na mesma linha desta apresentada se complementando - é a relação entre esporte-prática e esporte-espetáculo, que trabalha em função de um ‘monopólio de legitimidade’.

O campo esportivo ao longo de seu processo de constituição tornou-se palco de lutas as mais diversas pelo **monopólio da legitimidade** de representar determinado esporte e seus praticantes, pela legitimidade da prática amadora (mais fiel aos ideais da elite) contra a profissionalização (mais próxima da realidade das classes populares), **o esporte-prática contra o esporte-espetáculo**, e, mesmo dentro de um mesmo esporte, as lutas por hegemonia de determinadas escolas ou estilos. Essas lutas todas

opõem entre si não apenas atletas, treinadores e dirigentes, mas também médicos, nutricionistas, fabricantes de artigos esportivos, designers e estilistas de moda, publicitários e **profissionais de imprensa** (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 880, grifos nossos).

Dentro dessa disputa apresentada, de prática contra espetáculo, fica evidente a diversidade de pessoas que atuam em um lado ou outro, por muitas vezes em ambos. O ponto que mais nos interessa nessa pesquisa é o esporte-espetáculo, que se por um lado ele é a expressão das camadas populares nesta luta apresentada que se envolve o campo esportivo, por outro lado ele também se liga diretamente aos profissionais da imprensa, conexão esta que vale a pena explorar, de como a mídia interfere e toma um dos lados nessa disputa.

Os autores Thiago Pellim, Irla Diniz e Gabriele Ivanha (2018) trazem em seu trabalho noções relevantes ao estudo, à medida que mostra os Jogos Olímpicos sendo responsáveis por extrapolar a dimensão esportiva sendo a midiaticização a responsável [...] assiduamente em sua espetacularização, de forma que a linguagem, as imagens, as narrativas e as referências empregadas não são escolhidas por acaso, estão diretamente ligadas aos interesses socioeconômicos associados ao campo esportivo [...] (PELLIM; DINIZ; IVANHA, 2018, p. 141).

Para além, “[...] as mídias assumem um posto de destaque na disseminação das informações, venda de produtos, divulgação dos resultados, exploração de escândalos e demais situações que ocorram ao longo dos jogos, atuando diretamente na formação de opiniões” (PELLIM; DINIZ; IVANHA, 2018, p. 129). Pois é através dos significados construídos pelos discursos midiáticos que se contribui para questionar repertórios de sentido já cristalizados e, ao mesmo tempo, vislumbrar outras alternativas de vivência do gênero, sendo essas relações marcadores importantes ao estudo da história do esporte, principalmente quanto trabalhamos com o esporte-espetáculo.

Para falarmos de gênero, é necessário observarmos primeiros as categorias que o rodeia e que são frequentemente confundidas com ele: o sexo e a performatividade. Podemos definir previamente gênero como sendo uma categorial socialmente construída. Segundo Butler (2000), sexo e performatividade seriam respectivamente: “a norma que regula a materialização dos corpos” e “uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas, como uma prática que o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. As normas regulatórias são compreendidas como a forma que se constrói a materialidade dos corpos, sendo para materializar o sexo do corpo e/ou para materializar a diferença sexual, a serviço da consolidação de um imperativo que é

heterossexual. O corpo é compreendido como indissociável das normas regulatórias, sendo associados com a performance à medida que ocorrem os discursos de regulação e constrangimento. Assim, corpo, gênero, sexo e performance não são sinônimos, mas passam pelos mesmos processos regulatórios: tendem a ser moldados a fim de demonstrar o ideal que a sociedade estipula.

Ao pensarmos a existência de masculinidades X feminilidades⁵ dentro dos estudos de Gênero, é necessário ter em mente o trabalho indispensável da historiadora John Scott “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1995). A autora nos informa que:

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. **Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece.** Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro. (SCOTT, 1995, p. 92, grifo nosso).

As mulheres no meio esportivo passam por demarcações de gênero, onde se referencia e se estabelece qual o lugar é delimitado a elas, sendo exercido através do poder político que é responsável por legitimar essas construções, reforçando um ideal que o feminino traz a beleza ao sistema esportivo e o masculino traz os ideais de competição. São construídos sentidos sobre os corpos femininos, e nesse processo se elegem ‘os mais bonitos’.

A erotização no modo de se referir às atletas, destacando seus atributos físicos e estéticos e não seus méritos esportivos, a ingerência sobre os usos de uniformes e assessórios que as sexualizam, a valorização de gestualidades comedidas, o não reconhecimento da diversidade, a objetificação de seus corpos, os insultos e injúrias direcionados a quem se insurge são situações que as subvalorizam e que revelam que o esporte não é um espaço isento de disputas por reconhecimento e significação (GOELLNER, 2021, p. 109-110).

A mídia constrói noções de como se referir as atletas que estão embebidas em comentários que as erotizam, usando predominantemente seus atributos físicos como destacado pela autora acima. Outro ponto que pesa bastante é o próprio uniforme, onde o corpo feminino ao ser fotografado e colocado uma legenda com esse padrão de comentário tiram o foco da prática esportiva e passa a ser o belo espetáculo da bela mulher. Assim, há uma relação intrínseca entre a forma que a mídia apresenta as mulheres com a forma que a sociedade

⁵ Importante destacar que ao falarmos de atletismo feminino estamos tratando de mulheres cisgênero que passam por regulamentações do próprio esporte para estarem ali competindo. Então, ao tratarmos do termo feminino, usamos como referência apenas o padrão que está guiando o estudo, mas é necessário salientar que não é o único dentro do mundo dos esportes.

constrói/fortifica as noções de gênero e corpo. Portanto, é caro ao historiador observar os efeitos da mídia na construção/reafirmação de sentidos para a sociedade, pois o jornalismo é um mediador de vários campos sociais, onde estes passam por processos de midiatização⁶ (SANFELICE; ARAUJO; SILVA, 2014).

Trabalhando com mídia e gênero, outra autora importante é Judy Lee (1992), que em seu trabalho analisa reportagens dos jornais *Globe and Mail*, do Canadá e *New York Times*, Estados Unidos, a fim de compreender como os atletas recebem demarcações de gênero e o espaço em reportagens suas. Nesse sentido, suas conclusões de que:

Para as mulheres, há uma justaposição comparativamente frequente de pontos fortes (ou seja, desempenhos e realizações) e pontos fracos (ou seja, referências feitas a traços e imagens psicológicas e diferenças fisiológicas entre homens e mulheres) nas reportagens, bem como menções a informações não relacionadas ao desempenho (como aparência, descrições da forma e do tamanho do corpo). Essas abordagens raramente ocorrem nas reportagens sobre esportes masculinos. Além disso, as reportagens sobre as mulheres são mais frequentemente incorporadas às reportagens sobre os homens, uma forma de diminuir as contribuições das mulheres para as Olimpíadas (LEE, 1992, p. 197, tradução nossa)

É importante visualizarmos trabalhos como este, pois são de extrema relevância aos estudos de gênero que demonstram os espaços diferentes que os jornais dão aos homens e as mulheres, além de demonstrar as diferentes formas de tratamento que eles recebem na mídia esportiva. Outro ponto que devemos levar em conta é as imagens femininas passarem por uma “convencionalidade” entre atletas e a mídia de que o feminino, as características estéticas devem ser ressaltadas, assim a mídia contribui para reforçar a perspectiva do esporte como uma reserva masculina (LEE, 1992).

Levando em conta que "A ideia de masculinidade repousa na repressão necessária de aspectos femininos – do potencial do sujeito para a bissexualidade – e introduz o conflito na oposição entre o masculino e o feminino” e “[...] as ideias conscientes sobre o masculino ou o feminino não são fixas, uma vez que elas variam de acordo com as utilizações contextuais" (SCOTT, 1995, p. 82). Assim, sendo os conceitos de feminino e masculino construções, estas passam por diversos meios na sociedade que difundem e o consolidam. Aqui trabalhamos com a mídia, através do fotojornalismo, construindo a ideia de mulher atleta através das imagens produzidas sobre o atletismo feminino, em um grande evento esportivo.

⁶ A midiatização é um conceito ao qual se compreende que a sociedade se submete a dependência da mídia e sua lógica. “Esse processo é caracterizado por uma dualidade em que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito” (HJARVARD, 2012, p. 64).

Em um trabalho desenvolvido que apresenta o aumento do atletismo feminino nos Estados Unidos, Michael Messner (1988) nos indica que a imagem da superioridade masculina é construída em cima da ‘fraqueza feminina’. Dentro da própria construção do que é o feminino, “[...] há uma tensão dinâmica entre as prescrições tradicionais de feminilidade e a imagem apresentada por mulheres ativas, fortes e até mesmo musculosas” (MESSNER, 1988, p. 203, tradução nossa). Mostra-nos que não há uma homogeneidade na construção da composição do que é ser uma atleta mulher, mesmo passando pelo mesmo conjunto de sobreposições.

Outro ponto tratado pelo autor, é de que homens e mulheres são marcados por diferenças biológicas (fisiológicas), sendo características como o percentual de músculos, gordura, desenvolvimento corporal, entre outros – a questão é que a mídia nivela pelos resultados masculinos nos esportes eles tem vantagem, que em geral são os que possuem mais destaques, inferiorizando as mulheres por não alcançarem os mesmos resultados. A mídia é responsável por manter a estrutura organizada que atua na comercialização e manutenção de uma hegemonia do atletismo masculino.

Sabendo quais são nossos conceitos importantes para a análise, faz-se necessário observar e problematizar também as nossas fontes e observarmos como analisa-las. Trabalhando com fotografias de jornais, é necessário enquadrar o que estas são. Esse tipo de fonte é chamado de fotojornalismo, pois se caracterizam como fotografias documentais produzidas.

O fotógrafo é visto como um mediador entre dois mundos, o dos acontecimentos (o real) e o das imagens (o produzido). Outro ser importante é o editor, sendo um “[...] encarregado de dar sentido à imagem, articulando adequadamente palavras e imagens, através do título, da legenda e de breves textos que acompanhavam as fotografias” (MAUAD, 2005a). Assim, o editor é o responsável pela junção das imagens com as legendas, criando referências ao olhar, auxiliando na criação de sentidos. O fotógrafo não apenas reposta a notícia, ele também a cria, à medida que as imagens sofrem a influência pessoal, histórica, social e das tecnologias de quem a produz. (MAUAD, 2005a).

As fotografias podem contribuir para a associação entre novos comportamentos e representações da classe que controla os meios, aqui sendo quem controla o editorial, são responsáveis por agir no social por meio de uma “educação do olhar” (MAUAD, 2005b). Os próprios fotógrafos que trabalham com o fotojornalismo estão inseridos em um contexto de

coletividade de “mudanças tecnológicas da fotografia” onde se gera uma comunidade interpretativa onde buscam melhores enquadramentos (MAUAD, 2005a).

A fotografia propõe qualidades de produção e leitura, a expressão e conteúdo. Assim, a autora Ana Maria Mauad (2005b) nos informa uma série de elementos para analisarmos a imagens, assim, nos utilizaremos de alguns:

- O tipo de fotografia: se é instantânea ou posada;
- Quatro enquadramentos: Sentido horizontal ou vertical; O caminho proposto para se observar a foto; A profundidade e número de planos; e o objeto central ligado as condições de nitidez.

É possível, de maneira esquemática, estabelecer algumas variações básicas em torno do item nitidez, sendo assim, temos: **fora de foco**, **objeto central no foco**, **tudo no foco** (quando todos os planos estão dentro do foco); impressão visual: **linhas bem definidas** (quando o contraste é forte), **linhas definidas** (quando o contraste é suficiente), **linhas mal definidas** (quando o contraste é fraco, a foto esmaecida ou ainda fora de foco); iluminação: **clara com sombras** (quando a foto define bem os elementos, mas apresenta sombra como efeito estilístico), **clara sem sombras** (fotos com definição clara de elementos sem sombra alguma) e **escura** (apresenta dificuldade de visualização por erro técnico) (MAUAD, 2005b, p. 149, grifos nossos).

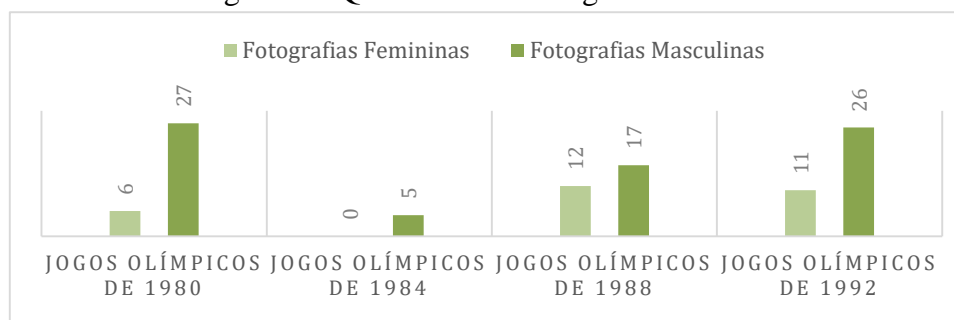
- O espaço de figuração, sendo a quantidade de pessoas;
- Espaço de vivência, o evento.

Assim, iremos utilizar os aspectos trazidos por Mauad (2005b) recém apresentados, com o intuito de observar como são compostas as fotografias, a fim de compreender como são produzidas e poder observar seus possíveis usos. O conjunto de imagens analisado advém de um levantamento feito no jornal O Globo acerca dos Jogos Olímpicos de 1980, de 1988 e de 1992, observando os períodos anteriores a sua realização, de cinco dias antes, o período de realização e o período posterior, com também cinco dias após.

Para obter o conjunto de imagens, foi realizada uma busca utilizando as ferramentas do próprio acervo do jornal que são destinadas a contribuir com a localização. O termo empregado no período já referido foi o esporte buscado, o “atletismo”, sendo necessário filtrar na leitura quais momentos se referia ao período estudado e quais desviavam⁷ – estes sendo desconsiderados. Assim, chegamos ao total de imagens demonstradas na figura 1.

⁷ Havia reportagens no jornal noticiando o Atletismo dentro dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBS) durante o período olímpico.

Figura 1 – Quantidade de fotografias encontradas



Fonte: Jornal O Globo, elaboração nossa

Embora não seja o foco desta pesquisa, é importante observar e perceber uma diferença na quantidade de fotografias femininas e masculinas, sendo os Jogos Olímpicos de 1988 uma edição curiosa por haver uma aproximação dos valores entre as duas categorias, onde há uma porcentagem maior de fotografias masculinas.

Há um último ponto a ser discutido aqui, que se refere ao número de imagens que o trabalho utiliza, sendo 10 de um total de 29 fotografias. Temos sempre que fazer escolhas, e as realizadas aqui se deram em função de alguns aspectos: em primeiro lugar, a má condição da fotografia na digitalização do jornal feita pelo próprio acervo, onde as imagens apareciam muito desfocadas e escurecidas a um ponto que não se pode distinguir direito; em segundo lugar, a questão do conteúdo, pois haviam imagens com o mesmo padrão; que nos leva ao último ponto, que é a questão do espaço em um artigo, este sendo um meio de divulgação científica não tão extenso, onde não cabe uma repetição de itens de mesmo significado apenas pela repetição e que as fotografias presentes se dão em razão de sua função – contribuir para que a pesquisa tenha um aspecto sucinto, mas que demonstre ao nosso leitor como o fotojornalismo do jornal O Globo esteve vinculando as imagens femininas do atletismo nos Jogos Olímpicos mencionados.

FOTOJORNALISMO EM PERSPECTIVA: A ANÁLISE DAS IMAGENS FEMININAS DO ATLETISMO PRESENTES NO JORNAL O GLOBO

É necessário compreendermos o contexto que cada edição olímpica se insere, pois cada uma apresenta suas particularidades e representam mudanças de uma para a outra. Assim, após passarmos as análises de acordo com cada edição de Jogos Olímpicos que apresentaram fotografias femininas em sequência, a fim de compreendermos o fotojornalismo do jornal O Globo (junto com as mudanças ocorridas).

Os Jogos Olímpicos de 1980

O contexto em que se insere os Jogos Olímpicos de 1980, realizados em Moscou, está intrinsecamente ligado ao contexto da Guerra Fria, sendo ela uma disputa política que polarizou o mundo entre os ideais do capitalismo *versus* do socialismo, que se caracterizou por um confronto indireto, por se dar através de disputas armamentistas e de influência ideológica (HOBSBAWM, 1995). Dentro dessa disputa, o esporte é atravessado por esse conflito, passa por um grau cada vez maior de politização dentro do contexto da Guerra Fria (MEYHI; SOUZA, 2017). Assim, nos Jogos de Moscou não ficou de fora dessa guerra, pois há um enorme boicote ao evento liderado pelos Estados Unidos, contando com a adesão de mais 64 países capitalistas⁸. O objetivo era um esvaziamento dos Jogos Olímpicos a fim de representar um ato político que influenciou não apenas nesse fim, mas também nos lucros e custos de sua realização (FRAGA, 2023). Sabendo onde se enquadra essa edição olímpica, passemos a observar o fotojornalismo feminino do jornal sobre ela.

Figura 1 – “Marita Koch passou as finais dos 400m rasos”



Fonte: Jornal O Globo. Segunda feira, 27/ 7/ 80

⁸ Alguns países deram a possibilidade a seus atletas que fossem aos Jogos competir sob uma bandeira neutra (FRAGA, 2023).

Como mencionado, há uma necessidade de decompor a fotografia para compreender seus elementos, assim começamos pela figura 1. A imagem apresenta uma atleta, em um **movimento natural** de corrida, com seus enquadramentos voltados a verticalidade, o que destaca bem o movimento sendo realizado, e com o foco completamente na corredora à medida que na edição se retira qualquer elemento que demonstre onde o evento ocorreu. O foco da imagem é a atleta como centro, com linhas definidas e iluminação clara com sombras. Além disso, há de se considerar o elemento da legenda, neste caso sendo objetiva e explicativa do contexto em que se insere a foto. Tendo descrito os elementos da fotografia, podemos compreendê-la como ressaltando o aspecto de desempenho.

Figura 2 – “Marita Koch, mito da RDA”



Fonte: Jornal O Globo. Domingo 3/8/80

A figura 2, nos mostra elementos iguais e algumas diferenças. É uma fotografia instantânea, capturada no meio do movimento da atleta e verticalmente. Esta fotografia também foi retirada de seu evento quando se fez a escolha de recortar a atleta, assim, pode-se observar

a atleta como foco central. Suas linhas são bem definidas e sua iluminação é clara com sombras. Diferente da imagem anterior, esta se aproxima mais da atleta, proporcionando uma visão mais nítida do corpo da atleta, marcando mais seus traços femininos como os seios. Outro traço é o sorriso da atleta que corrobora com a aparência de “mito” que o editorial do jornal busca passar, uma imagem de superatleta.

Figura 3 – “Coe acelera sem que Ovelt possa acompanhá-lo (abaixo), enquanto a vencedora Kazankina (268) e a medalha de prata Wartenberger (140) comemoram”



Fonte: Jornal O Globo. Sábado 2/ 8/ 80

A figura 3 é na verdade duas imagens apresentadas ao público como uma. Ambas apresentam os elementos de serem fotografias instantâneas e verticais, onde o sentido de leitura é iniciado pela fotografia masculina sobrepondo a feminina. A parte masculina possui mais profundidade, mostrando um pouco mais do ambiente, do que a parte feminina. Ambas fotografias possuem os atletas como um foco central, com linhas bem definidas na acima e linhas definidas abaixo, com uma iluminação clara com sombras, sendo a imagem feminina com mais sombras. Seguindo nessa linha, observamos a imagem feminina ter um ângulo de visão mais próximo e levemente mais rebaixado que a parte masculina.

Ao ter duas imagens utilizadas juntas, portanto é interessante observar elas como foram compartilhadas ao público. A legenda, nesse caso, nos oferece informações importantes, pois ao destacar a força e agilidade dos homens e destacá-los colocando a imagem feminina ao fundo, se corrobora com a imagem do “atleta modelo”, o homem. Além disso, as mulheres nesse caso aparecem comemorando, aumentando ainda mais as ideias de diferença entre os gêneros no esporte, corroborando com ideias de que a competição é masculina e as mulheres estariam “se divertindo”.

Tendo em perspectiva as figuras (1, 2 e 3) apresentadas, podemos compreender que o fotojornalismo dos Jogos Olímpicos de 1980 apresentam construções de gênero onde colocam a mulher enquadrada em padrões de feminilidade de uma forma moderada, nem destacando muito o corpo nem os feitos atléticos.

Os Jogos Olímpicos de 1984

Por mais que não tenhamos nenhuma imagem do período a ser analisada, a edição dos Jogos Olímpicos de Los Angeles necessita ser contextualizada, pois a história não dá simplesmente saltos e o que ocorre em uma edição olímpica interfere diretamente como a próxima é organizada. Observamos já nos Jogos de 1980 o boicote feito pelo lado capitalista ao evento olímpicos, já em 1984 com a edição se realizando em Los Angeles nos Estados Unidos, há um boicote da União Soviética. Ao todo, 14 países aderiram ao movimento liderado pelos soviéticos, não sendo todos os países alinhados ao lado do socialismo. (FRAGA, 2013). Tendo aprofundado as disputas da Guerra Fria entre as edições de 1980 e 1984, os argumentos utilizados para justificar as “ausências” foram de falta de segurança para a equipe soviética e a propaganda anticomunista presente nos veículos de comunicação estadunidenses. (MEYHI; SOUZA, 2017). Outro ponto importante é a inserção do empresariado (NOTA DE RODAPÉ) na organização dos Jogos Olímpicos, como um novo folego ao megaevento que havia tido muito prejuízo na sua edição de 1980, justamente por conta de que o boicote interferiu diretamente na balança entre gastos e arrecadação (PRONI, 2008).

Os Jogos Olímpicos de 1988

A edição dos Jogos Olímpicos de 1988, em Seul, marca o momento em que os lados socialista e capitalista voltam a se encontrar neste megaevento. O contexto da Guerra Fria estava em declínio, com os dois lados colapsando com crises políticas e econômicas

(HOBSBAWM, 1995). O esporte foi incorporado durante todo o período do conflito que dividiu o mundo entre duas potências, passou por um processo onde foi “[...] englobado pelas estruturas econômicas do mundo capitalista e tornou-se uma mercadoria da indústria cultural” (SIGOLI; DE ROSE, 2004, p. 111) Esse período marca o início de um processo onde “os Estados Nacionais passaram a ter menos influência política e as corporações transnacionais mais influência econômica” (SIGOLI; DE ROSE, 2004, p. 118). O processo de incorporação das grandes empresas na organização do evento que iniciara em 1984, ganha força nessa edição com maior investimento. (PRONI, 2008). Assim, observemos as imagens sabendo de que nesse contexto a influência está em transição entre os estados e o empresariado, começando a seguir a lógica do mercado.

Figura 4 – “Florence Griffith-Joyner cruza a linha de chegada com a fisionomia de quem acaba de fazer um simples treino”



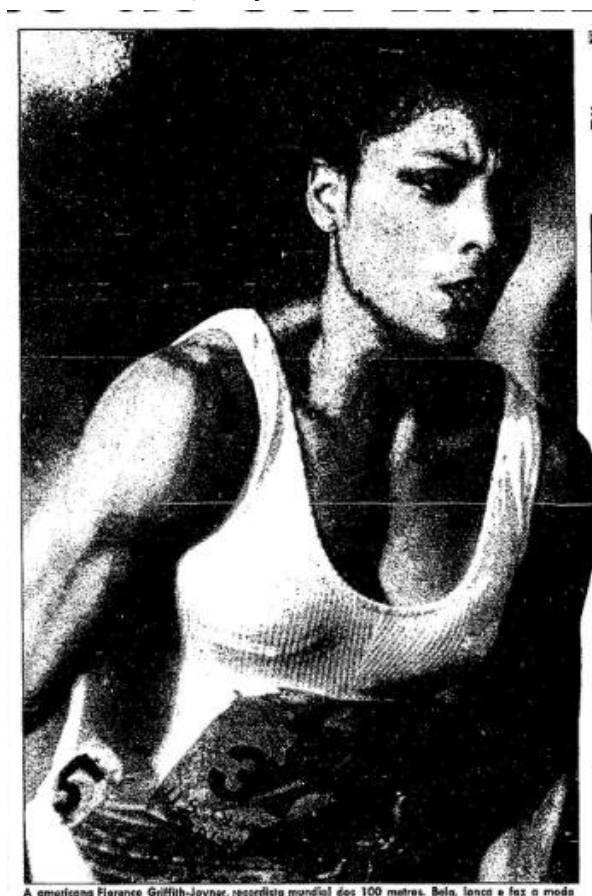
Florence Griffith-Joyner cruza a linha de chegada com a fisionomia de quem acabava de fazer um simples treino

Fonte – Jornal o Globo. Segunda-feira, 26 de setembro de 1988

Nossa próxima análise, a primeira dessa edição de Jogos Olímpicos, se trata da figura 4. Esta imagem se enquadra em uma foto espontânea, tendo sido tirada após as atletas terem cruzado a linha de chegada. Diferente das figuras analisadas anteriormente, essa possui um plano horizontal, onde enquadra uma atleta principal – a ganhadora, e suas adversárias. A direção de onde se tirou a foto era de um ângulo levemente mais elevado, podendo enquadrar melhor uma imagem onde o enquadramento ressaltado tivesse mais impacto. A profundidade demonstra o ambiente esportivo, a pista de atletismo. Luzes e sombras na fotografia advém de

uma iluminação natural, a solar, auxiliando que a imagem se enquadre em um meio termo entre linhas definidas e linhas mal definidas. A legenda nessa imagem possui um peso enorme na construção de que a estadunidense teria uma força superior à das outras, à medida que afirmam que a atleta estava com fisionomia de quem fez “um simples treino” e ainda vinculando a expressão a um sorriso.

Figura 5 – “A americana Florence Griffith-Joyner, recordista mundial dos 100m. Bela, lança e faz a moda”



A americana Florence Griffith-Joyner, recordista mundial dos 100 metros. Bela, lança e faz a moda

Fonte – Jornal O Globo.

A figura 5 retrata novamente a estadunidense⁹ Florence Griffith-Joyner. Desta vez, a fotografia foi tomada em um plano vertical e próximo, ressaltando a fisionomia da atleta. Algo importante é por onde se começa a leitura da imagem, e neste caso a combinação de um foco central, linhas bem definidas e iluminação com clara com sombras proporciona que o primeiro olhar seja a região torácica. Outra vez a legenda se faz necessária, pois esta ressalta elementos de beleza e popularidade da velocista, importante também ressaltar a expressão facial fechada. Assim, podemos compreender essa beleza como um olhar sobre o corpo de Florence.

⁹ Utilizamos o termo estadunidense para nos referirmos ao que o jornal designa como americanas, pois não concordamos com o conceito de os Estados Unidos serem um centro da América.

Figura 6 – “Florence Griffith-Joyner na pista: músculos fortes, concentração e elegância”



Florence Griffith-Joyner na pista: músculos fortes, concentração e elegância

Fonte – Jornal O Globo. Quarta-feira, 21 de setembro de 1988.

Chegamos a imagem que intitula este artigo, a figura 6. Se apresentam aqui duas fotografias verticais instantâneas que enquadram a atleta em um ângulo central. Há planos de fundo na imagem, mas estes se perdem ao destaque dado pelas ações de nossa velocista – novamente Florence Griffith-Joyner. O objeto que centraliza a fotografia é a peça de roupa utilizada pela atleta, de caráter chamativo. O foco em ambas imagens é total, com linhas definidas e iluminação com sombras. Através do chão é possível perceber que se trata de uma fotografia da atleta no ambiente da pista, através das linhas de demarcação de raias. Os momentos retratados não são propriamente de competição, assim o olhar se volta a características de força e beleza.

Esta fotografia é emblemática, a medida que há um realce do corpo da atleta – tanto pela legenda destaca seus “músculos” e sua “elegância”, quanto pela escolha de mostrar o momento

em que ela ajusta seu uniforme. A combinação entre o uniforme curto e o olhar nesse caso deixam a atleta em uma posição objetificada.

Figura 7 – “Natalla, Galina, Lloudmila se desesperam com o terceiro lugar no 4x100m, vencida pelas americanas”



Natalla, Galina e Lloudmila se desesperam com o terceiro lugar no 4x100m, vencida pelas americanas.

Fonte – Jornal O Globo. Domingo, 2 de outubro de 1988

A fotografia em questão aqui, a figura 7, apresenta um plano horizontal a fim de apresentar mais de uma das corredoras personagens dessa captura. Trata-se de uma imagem instantânea após o resultado final de uma prova, a dos 4x100m, onde as estadunidenses vencem e as velocistas aqui ficam com o terceiro lugar. Os planos de fundo ficam impossíveis de se verificar pela qualidade da imagem. O foco é central, com as linhas definidas e a iluminação clara com sombras – a luz dando a impressão de que há uma mais afrente que as outras.

Podemos observar algo que já ocorre em outros Jogos Olímpicos, a constante disputa de medalhas entre URSS X EUA. Isso já nos leva a questionar a forma como o jornal está tratando as americanas e a atenção especial em uma, a Florence, e como para as soviéticas se destina um outro tipo de legenda e outro tipo de fotografia. Há uma mudança na forma de se fazer legendas, de como o corpo passa a ficar mais exposto, que acompanha a diminuição do uniforme.

Os Jogos Olímpicos de 1992

Os Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona é a primeira edição fora do contexto da Guerra Fria, que se encerrara já com a queda da União Soviética em 1991, após quase meio

século, vindo desde 1947 (HOBSBAWM, 1995). Há o retorno de países que estavam sendo deixados de fora como a África do Sul que por conta do Apartheid estavam banidos da competição (PRONI, 2008). Após o fim da dualidade mundial da Guerra Fria, o esporte se torna “livre” e “capitalista”, os antigos membros da União Soviética participam representando seus países e a Alemanha agora unificada são potências nesses Jogos Olímpicos. (PRONI, 2008). O marketing e o investimento realizado neste evento acabaram por influenciar diretamente as realizações esportivas, com uma valorização do espetáculo (SIGOLI; DE ROSE, 2004). Se tornou uma edição marcada por um grande quadro de fornecedores, com diversos records de atletas, de investimentos de países e companhias. Se tornou um evento regido pela lógica do mercado (PRONI, 2008). O esporte passa por um processo de se tornar mercadoria que “[...] transformou as federações internacionais e o Comitê Olímpico Internacional em grandes corporações financeiras transnacionais, que teceram uma rede de filiais por todo o mundo através dos Comitês Olímpicos nacionais e das confederações nacionais” (SIGOLI; DE ROSE, 2004, p. 118). Nesse sentido, a edição de 1992 personifica um processo advindo desde a década passada da transição de uma grande influência política para uma maior ainda influência econômica. Assim, conhecendo o contexto passemos ao objetivo que é observar o fotojornalismo feminino desta edição olímpica em nossa fonte.

Figura 8 – “Braços erguidos, Gail Devers, a maior surpresa do dia, vibra com o ouro”



Braços erguidos, Gail Devers, a maior surpresa do dia, vibra com o ouro

Fonte – Jornal O Globo. Domingo, 2 de agosto de 1992

A figura 8, é uma fotografia de caráter vertical e instantânea, retirada após a vitória da atleta onde a velocista comemora a uma possível plateia. Ao fundo é possível perceber as linhas da pista de atletismo, local onde ocorreu a competição. As condições de nitidez nesta imagem não estão muito boas, sendo um problema da fonte, o foco é central na corredora, com um recorte próximo da cintura até os braços para dar ênfase na comemoração. A condição visual transita entre linhas definidas e linhas mal definidas e a iluminação é escura.

A legenda nos indica que esta atleta não era a favorita para a prova. Sabemos que é uma corredora por estar dentro da parte sintética de uma pista de atletismo e pela numeração lateral – elemento utilizado para verificar melhor que chegou em cada posição, mas sobre qual prova de velocidade esta fez, só é possível supor utilizando apenas esta imagem, que nos leva a pensar nos 100m à medida que é apresentada como a “maior surpresa do dia”. Encontramos a informação em outra figura, a número 9.

Figura 9 – “Gail Devers, vencedora dos 100m”



Fonte – Jornal O Globo. Segunda-feira, 10 de agosto de 1992

A figura 9 possui um caráter vertical e instantânea, possui um plano de fundo desfocado, chamando a atenção da foto para a atleta em si. Ao contrário da anterior, a nitidez desta

fotografia permite observar melhor a atleta, pois o foco é central, as linhas bem definidas e a iluminação é clara com sombras, mas um número pequeno de sombras. A legenda e o local do jornal são de extrema importância pois a imagem não foi vinculada à página esportiva como resultado de prova, mas foi colocada em uma página onde se fez uma seleção das “atletas mais bonitas da competição”. Um ponto extremamente importante é que existem duas imagens de membros femininos do atletismo nesta sessão e apenas estas duas tiveram suas fotos com o uniforme de competição vinculadas lá - uniforme que observamos haver passado por um encurtamento na década de 1980. Outro fato interessante é que o jornal não apresenta nenhum editorial de beleza masculino, corroborando com as ideias já tratadas em nossa pesquisa sobre corpo e beleza feminina.

Figura 10 – “Evelyn Ashford, Esther Jones, Gwen Torrence e Carlette Guirdry comemoram o ouro no 4x100m com a bandeira”



Evelyn Ashford, Esther Jones, Gwen Torrence e Carlette Guirdry comemoram o ouro no 4x100m com a bandeira

Fonte – Jornal O Globo. Domingo, 9 de agosto de 1992

A figura 10 é instantânea de caráter vertical, a fim dar espaço as campeãs, as estadunidenses. Há um plano de fundo, que dá a impressão de ser o público, mas está extremamente desfocado assim como a bandeira. Podemos considerar foco como central, com linhas mal definidas e iluminação clara com sombras, mas claras demais a ponto de elemento da imagem ficarem com pouco contraste.

Há de se perceber diferenças e continuidades entre o fotojornalismo de cada edição olímpica. Nos Jogos de Montreal em 1980, há legendas mais neutras com a retirada de planos de fundo isolando as atletas ou sobrepondo com imagens masculinas. Já nos Jogos de Seul em 1988, as legendas já aparecem com opiniões do editorial, muitas que ressaltam o corpo e a beleza de Florence Griffith-Joyner, com imagens que ressaltam essas características – colocando a atleta como um símbolo de corpo ideal, além disso, o destaque as estadunidenses ganha espaço a apreço pelo editorial. Assim, nessa mesma edição é colocado em contraste as adversárias, com expressões e legendas que colocam um terceiro lugar como uma tragédia, corroborando com as disputas de âmbito esportivo e político entre a União Soviética e os Estados Unidos. Já nos Jogos de Barcelona em 1992, há uma continuação em relação ao destaque as estadunidenses, as imagens continuam mostrando a força atlética, mas as legendas retornam a um padrão entre um meio termo como as edições de 1980 e 1988, onde não destacam características corporais, mas ainda continuam com detalhes para além do esportivo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Mauad (2005b) afirmou, ao se trabalhar com o fotojornalismo é necessário se montar um conjunto de análise ao estudo. Assim, ao escolhermos o jornal O Globo, estávamos nos voltando a percepção de um corpo editorial acerca do atletismo feminino nos jogos olímpicos. Observamos que imagens vinculadas em jornais são capazes de construir a imagem de atletas ao público leitor, que constrói noções de beleza e força, ressaltando a fisionomia.

Podemos postular que grande parte das imagens das mulheres mostram beleza, as colocando como produtos agradáveis aos olhos masculinos. Observamos que a mídia esportiva analisada, passou de uma posição mais neutra nos Jogos de 1980, a intenção de objetificar e explorar a beleza das atletas mulheres e (re)produzir diversos padrões de beleza e força a partir dos Jogos de 1988 e que se seguiu em nos Jogos de 1992. A mídia alinhada com o encurtamento das vestimentas provocam o desconforto da exposição, por vezes em situações diferentes.

É necessário que se desenvolvam mais trabalhos que observem como mídia, corpo, olhar e vestimenta se relacionam e aplicar ao esporte permitiu que fosse possível observar as imagens vinculando o olhar do esporte ao olhar feminista, a fim de compreender como alguns traços podem sexualizar as mulheres. Outro ponto que necessita de análise, é a vinculação política do editorial que possivelmente influencia as escolhas de como são feitas as notícias.

Este estudo é de caráter inicial, aplicando as teorizações de gênero sobre as mulheres no ambiente esportivo, e a função da mídia na construção da imagem feminina. Sugerimos que se amplie as bases teóricas analisando qual as possíveis colaborações das bases econômicas no processo de objetificação do corpo feminino na mídia.

Assim, faz-se necessário ampliar a análise a outros jornais com outras linhas de pensamento e a outras localidades, importante também realizar estudos que empreguem uma análise da construção da imagem masculina, da imagem feminina e comparem para se observar se há diferenças. Há a possibilidade de se empregar uma história comparada, para observar como se constitui o fotojornalismo esportivo feminino em outros lugares, como o trabalho de Judy Lee (1992), que ao observar jornais de dois países consegue mapear as características de como importantes jornais de dois países diferentes

REFERÊNCIAS

BARON, Jaime. **O Jornal “O Globo” como Porta-Voz das Posições Políticas da Família Marinho, ontem e hoje**. 2015. 409 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2015.

BOURDIEU, Pierre. O que é ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p.136-153, 1983.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 110-127, 2000. E-book.

FRAGA, Gerson Wasen. Os boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984) no contexto da Guerra Fria. **História: Debates e Tendências**. Passo Fundo, v. 23, n. 3, p. 134-147, 2023.

GASTALDO; Édison Luis. BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(3), 2011.

GOELLNER, Silvana Vilodre; Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, vol. 19, n. 34, Jan. – Jun., p. 45-52, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre; *Corpos, Gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte*. **REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO**, n. 13, dezembro 2021.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HJARVARD, Stig; *Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. **MATRIZES**, n. 5(2), 53-91, 2012.

LEE, Judy Kay. *Media Portrayals of Male and Female Olympic Athletes: Analyses of Newspaper Accounts of the 1984 and the 1988 Summer Games*. **International Review for the Sociology of Sport**, nº 27, 197 – 219, 1992.

PELLIM, Tiago; DINIZ, Irla Karla dos Santos; IVANHA, Gabriele Soares. *A construção discursiva do corpo feminino na mídia esportiva: as Olimpíadas 2016*. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 15, n. 3 (2018): Setembro – Dezembro, 2018.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing*. **Esporte e Sociedade**, ano 3, n9, Jul./Out, 2008.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GIGLIO, Sérgio Settani. *O Brasil e o passado dos Jogos Olímpicos Modernos: um vazio historiográfico*. **Argumentos**. Montes Claros, v. 17, n. 2, p. 140 – 156, 2020.

SANFELICE, Gustavo Raose; ARAUJO, Denise Castilhos de; SILVA, Melissa Pinheiro Machado da. *Qual o espaço destinado na mídia impressa para a divulgação da prática esportiva feminina?* **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 18, Nº 189, Febrero de 2014.
<http://www.efdeportes.com/>

SCOTT, John. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez., p. 71-99, 1995.

SIGOLI, Mário André, DE ROSE JR., Dante. A história do uso político do esporte. **Revista brasileira de Ciências e Movimento**. 2004; 12(2): 111-119.

MAUAD, Ana Maria; Flávio Damm, profissão fotógrafo de imprensa: o fotojornalismo e a escrita da história contemporânea. **HISTÓRIA, SÃO PAULO**, v.24, n.2, p.41-78, 2005a.

MAUAD, Ana Maria; Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX **Anais do Museu Paulista**. v. 13. n.1. jan.- jun, 2005b.

MEIHY, Murilo; SOUZA, Luana. O esporte como ferramenta política e diplomática: o caso do boicote americano às Olimpíadas de Moscou (1980). **FuLiA/UFMG [revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes]**, v. 2, n. 3, p. 147–159, 2018.

MESSNER, Michael Alan, Sports and male domination: The female athlete as contested ideological terrain. **Sociology of Sport Journal**, v 5, p. 197-211, 1988.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64-89, 2016.